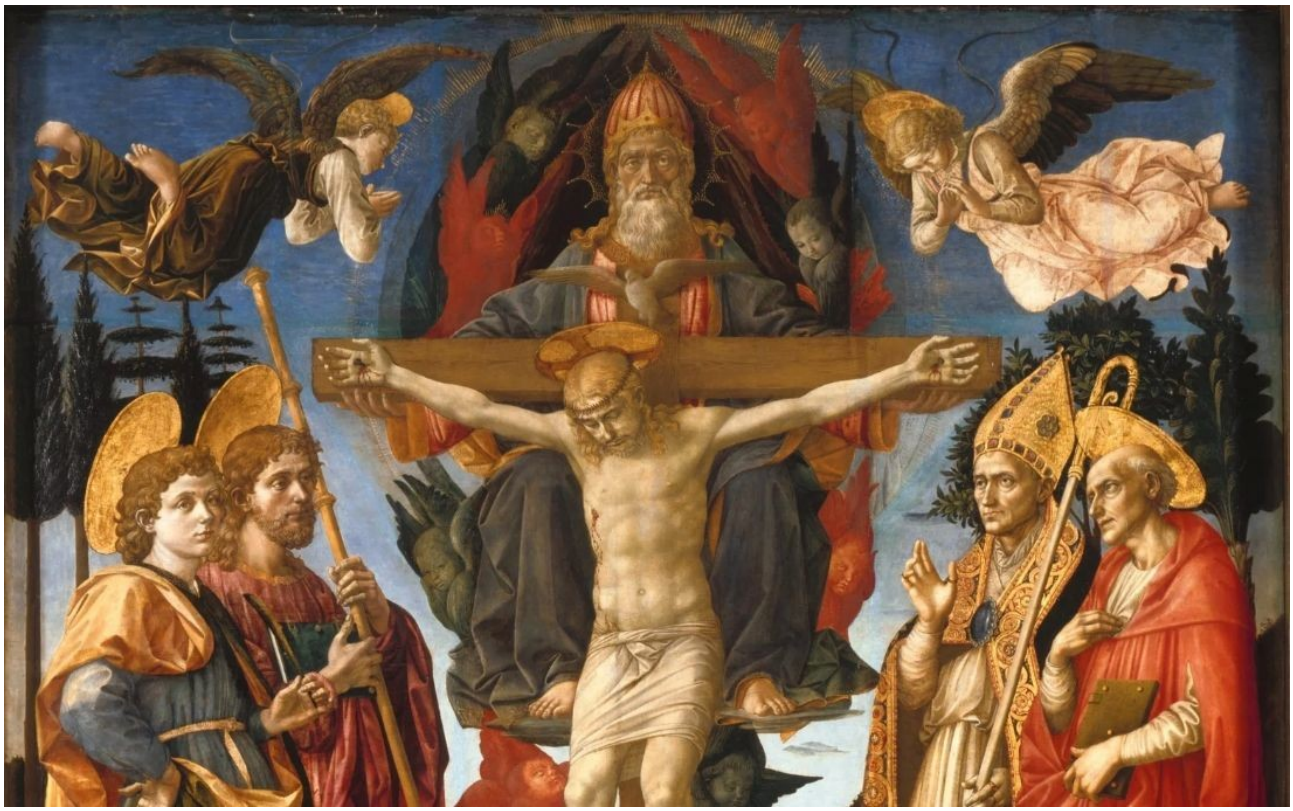
"Saboreai e vede
Como o senhor é bom"



Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo
O Pastor que reina pelo amor

Teresa Alves

Primeira Leitura: Ezequiel 34, 11-12, 15-17
Salmo: 23 (22), 1-2a, 2b-3, 5-6
Segunda Leitura: 1 Coríntios 15, 20-26, 28
Evangelho: Mateus 25, 31-46

O ano litúrgico chega ao fim como um rio que desagua no mar. Começou no Advento do ano passado, à espera d'Aquele que vem; termina agora diante d'Aquele que há-de vir na Sua Glória. No arco de um só ano, a Igreja percorre o caminho de toda uma vida: do esperar ao encontrar. A solenidade de Cristo Rei mostra-nos para onde caminhamos: para o encontro com Cristo, Rei e Senhor da História.

Mas que realeza é esta? No livro da Génesis, Adão sai das mãos de Deus como sacerdote e rei da criação, chamado a governá-la como lugar-tenente do Criador. O pecado foi uma realeza falhada: Adão quis reinar segundo o seu próprio desejo, e toda a criação gemeu. Mais tarde, Israel repetiu o drama numa longa fila de maus reis, mas nos salmos e nos profetas, cresceu um anseio e, com ele, uma certeza: o próprio Deus viria apascentar o seu povo.

Quando os pastores falham, Deus vem em pessoa

A primeira leitura desta solenidade, do Profeta Ezequiel, dá voz ao anseio de Israel:

Eis o que diz o Senhor Deus: «Eu próprio irei em busca das minhas ovelhas e hei de encontrá-las. Como o pastor vigia o seu rebanho, quando estiver no meio das ovelhas que andavam tresmalhadas, assim Eu guardarei as minhas ovelhas, para as tirar de todos os sítios em que se desgarraram num dia de nevoeiro e de trevas. Eu apascentarei as minhas ovelhas, Eu as levarei a repousar, diz o Senhor Deus. Hei de procurar a que anda perdida e reconduzir a que anda tresmalhada. Tratarei a que estiver ferida, darei vigor à que andar enfraquecida e velarei pela gorda e vigorosa. Hei de apascentá-las com justiça. Quanto a vós, meu rebanho, assim fala o Senhor Deus: Hei de fazer justiça entre ovelhas e ovelhas, entre carneiros e cabritos.

Ezequiel fala a um povo exilado, disperso em terra estrangeira e abandonado por chefes que se apascentaram a si mesmos. Diante deles, o Senhor faz uma promessa inaudita: já não delegará o cuidado do rebanho. «*Eu próprio irei*». O pastor não espera que a ovelha perdida regresse sozinha; sai ao seu encontro, cura a ferida, dá vigor à que desfalece. Antes de nos pedir amor, Deus amou-nos primeiro (cf. 1 Jo 4, 19).

O profeta acrescenta que o Senhor resgatará as suas ovelhas de todos os lugares por onde se dispersaram «*num dia de nevoeiro e de trevas*». Lida à luz do Novo Testamento, esta expressão aponta para a Sexta-feira Santa, quando as trevas cobriram a terra desde o meio-dia até às três da tarde (cf. Mt 27, 45). É na Cruz que o Bom Pastor nos resgata, dando a vida pelas ovelhas (cf. Jo 10, 11).

A profecia termina, porém, com uma palavra grave: «*Hei de fazer justiça entre ovelhas e ovelhas, entre carneiros e cabritos*». O Pastor que procura, cuida e cura amorosamente é também o Juiz que separa. É desta página de Ezequiel que Jesus tirará a imagem do Evangelho deste Domingo.

O salmo dos neófitos: o Pastor que nos alimenta

À profecia de Ezequiel, a Igreja responde com o Salmo 22 (23), um dos salmos mais conhecidos:

O Senhor é meu pastor: nada me falta.
Leva-me a descansar em verdes prados,
conduz-me às águas refrescantes
e reconforta a minha alma.

Ele me guia por sendas direitas,
por amor do seu nome.
Ainda que tenha de andar por vales tenebrosos,
não temerei nenhum mal, porque Vós estais comigo.

Para mim preparais a mesa,
à vista dos meus adversários;
com óleo me perfumais a cabeça,
e o meu cálice transborda.

A bondade e a graça hão de acompanhar-me,
todos os dias da minha vida,
e habitarei na casa do Senhor
para todo o sempre.

Os Padres da Igreja leram este salmo como o cântico da iniciação cristã, o caminho de quem passa da água do Baptismo à mesa da Eucaristia. Santo Agostinho ouve nele a voz da Igreja conduzida por Cristo, e as águas de repouso são para ele a água do Baptismo (1). Cassiodoro lê-o como a acção de graças do cristão regenerado pela água e pelo Espírito Santo (2). Mas é São Cirilo de Jerusalém quem oferece a interpretação mais claramente mistagógica: explica aos recém baptizados que a mesa preparada diante dos adversários é a mesa mística e espiritual, que é comunhão com Deus. O óleo é a unção recebida na fronte, selo de Deus; o cálice que transborda é aquele de que o Senhor disse: «*Este é o meu sangue*» (3).

Assim, o salmo responsorial é a ponte entre a profecia e o Evangelho. O Pastor prometido por Ezequiel cumpre a sua palavra nos sacramentos: procura-nos na água baptismal, unge-nos com o Espírito, senta-nos à sua mesa. E o salmo termina onde, por outras palavras, terminará também o Evangelho: «*habitarei na casa do Senhor para todo o sempre*».

O Rei no trono da Cruz

Em Jesus, o anseio de Israel cumpre-se de modo inesperado. Desde o presépio, dois reis estão frente a frente: César Augusto, senhor do mundo pela força das legiões, e um Menino envolto em panos e deitado numa manjedoura (cf. Lc 2, 7). Toda a vida de Jesus é acção régia: chama os Doze, senta-Se à mesa com pecadores, procura Zaqueu e a samaritana, reconduz ao Reino os que dele estavam afastados, combate o Maligno sem outra arma senão a Sua Palavra.

O combate culmina no Calvário. Pilatos, sem o saber, proclama em três línguas: «Jesus Nazareno, Rei dos Judeus» (Jo 19, 19-20). A coroa é de espinhos, o trono é o madeiro, o palácio é o Gólgota. A Ressurreição confirma a inscrição, e Cristo é Rei e reinará até que o último inimigo, a morte, seja vencido, «*para que Deus seja tudo em todos*» (1 Cor 15, 28).

O exame final: o amor

O Evangelho deste Domingo conclui o último grande discurso de Jesus antes da Paixão, o discurso sobre o fim dos tempos. O Filho do Homem vem na sua glória, todas as nações se reúnem diante d'Ele, e Ele separa umas das outras como o pastor separa as ovelhas dos cabritos.

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: «Quando o Filho do homem vier na sua glória com todos os seus Anjos, sentar-Se-á no seu trono glorioso. Todas as nações se reunirão na sua presença, e Ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos; e colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: "Vinde, benditos de meu Pai; recebei como herança o reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-Me de comer; tive sede e destes-Me de beber; era peregrino e Me recolhestes; não tinha roupa e Me vestistes; estive doente e viestes visitar-Me; estava na prisão e fostes ver-Me." Então os justos Lhe dirão: "Senhor, quando é que Te vimos com fome e Te demos de comer, ou com sede e Te demos de beber? Quando é que Te vimos peregrino e Te recolhemos, ou sem roupa e Te vestimos? Quando é que Te vimos doente ou na prisão e Te fomos ver?" E o Rei lhes responderá: "Em verdade vos digo: Quantas vezes o fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes." Dirá então aos que estiverem à sua esquerda: "Afastai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e os seus anjos. Porque tive fome e não Me destes de comer; tive sede e não Me destes de beber; era peregrino e não Me recolhestes; estava sem roupa e não Me vestistes; estive doente e na prisão e não Me fostes visitar." Então também eles Lhe hão de perguntar: "Senhor, quando é que Te vimos com fome ou com sede, peregrino ou sem roupa, doente ou na prisão, e não Te prestámos assistência?" E Ele lhes responderá: "Em verdade vos digo: Quantas vezes o deixastes de fazer a um dos meus irmãos mais pequeninos, também a Mim o deixastes de fazer." Estes irão para o suplício eterno, e os justos para a vida eterna.»

Jesus retoma a profecia de Ezequiel: o pastor que ali prometia julgar entre carneiros e cabritos é agora o Filho do Homem sentado no trono da glória. Este Rei não impõe tributos. Oferece uma herança: «*Vinde, benditos de meu Pai; recebei como herança o reino que vos está preparado desde a criação do mundo*» (Mt 25, 34). A salvação é bênção e dom, preparado pela providência de Deus desde o princípio.

O critério do juízo desarma-nos. O Rei não pergunta por feitos heróicos, mas pelos gestos mais simples da vida de cada dia: o pão, a água, o tecto, a roupa, a visita. São as obras de misericórdia corporais. Santa Teresa de Calcutá via nesta frase, «*a Mim o fizestes*», o resumo de toda a sua missão. Cristo identifica-Se com os mais pequenos, com os pobres de toda a espécie, e são tantas as pobrezas do nosso tempo! Do amor activo para com eles faz Jesus condição para entrar no seu Reino (4).

E aqui a mistagogia do Salmo que cantamos neste Domingo encontra o Evangelho.

A mesa preparada pelo Pastor não se fecha no altar: prolonga-se na mesa do pobre. São João Crisóstomo advertia que não se pode honrar o Corpo de Cristo no templo e desprezá-l'O quando está nu à porta (5). Quem foi ungido e saciado no cálice que transborda é enviado a transbordar, em cada dia, por esse mundo.

É ainda mais impressionante aquilo de que são acusados os que estão à esquerda do Senhor. Não lhes é imputado nenhum homicídio, adultério ou idolatria. São condenados por pecados de omissão, pelo bem que não fizeram. Quem não ama o irmão que vê não pode amar a Deus que não vê, porque todo o ser humano, mesmo o mais frágil, traz em si a imagem do Criador (cf. 1 Jo 3, 14-15; 4, 20).

Cristo vem a nós na graça dos sacramentos e no rosto de cada irmão necessitado, e todo o gesto de amor é feito *com* Ele, *como* Ele e *a* Ele.

Céu e inferno: a seriedade da liberdade

Num tempo em que muitos deixaram de acreditar no Céu e no inferno, as últimas palavras do ministério público de Jesus recordam-nos de que a nossa vida tem um peso eterno. Deus criou-nos livres porque nos criou para o amor, e o amor não se impõe. A Igreja ensina que não podemos estar unidos a Deus se não escolhermos livremente amá-l'O, e que Deus não predestina ninguém à perdição. Mas quem, até ao fim, recusa o seu amor misericordioso exclui-se por si mesmo da comunhão com Ele. A este estado de auto-exclusão definitiva chamamos inferno (6). Deus respeita a nossa liberdade até ao fim, e é precisamente essa liberdade que dá a cada gesto de amor, ou à sua falta, o peso da eternidade.

A parábola, porém, não termina no castigo. As últimas palavras de Jesus são «*vida eterna*». O Céu é a comunhão de vida e de amor com a Santíssima Trindade, com a Virgem Maria, os anjos e todos os bem-aventurados, a felicidade suprema e definitiva que realiza os anseios mais profundos do coração humano (7).

(1) Santo Agostinho, *Enarrationes in Psalmos* 22,1-4.

(2) Cassiodoro, *Expositio in Psalterium*, Sl 22, introdução.

(3) São Cirilo de Jerusalém, *Catequeses Mistagógicas* IV (Catequese 22), 7.

(4) *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 544.

(5) São João Crisóstomo, *Homilias sobre o Evangelho de São Mateus* 50,3-4.

(6) *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 1033.

(7) *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 1023-1024.